EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E LUDICIDADE: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E FILOSÓFICA

Lúcia Gracia Ferreira¹

Resumo: Este artigo refere-se à necessidade de rever o processo educativo, possibilitando a igualdade para todos. Visto que educar, incluir e brincar são atividades associadas, buscamos analisar através da história da educação, começando da primitiva até a atual explicação para o papel político da educação na sociedade inclusiva. Refletir sobre o conceito de educação é uma forma de poder vivê-la, pois sabemos que educar é uma tarefa complicada e, por isso deve ser uma ação integrada. A educação deve ser para todos, independente das limitações e particularidades, e é sob este aspecto que a educação inclusiva deve acontecer. Mas para que isso aconteça é necessário mudar os paradigmas e reorganizar o sistema educacional para possibilitar ao portador de necessidades especiais o desenvolvimento cognitivo, cultural e social. Assim, escola e sociedade devem estar articuladas para possibilitar esse desenvolvimento de acontecer. Uma das propostas para se trabalhar com portadores de necessidades especiais e promover não somente o desenvolvimento, mas também à aprendizagem é a utilização do lúdico em sala de aula. Assim, como a educação possibilita a inclusão social, a ludicidade possibilita à aprendizagem, tudo isso sem preconceitos e sem a visão fragmentada do sistema capitalista.

Palavras-chave: educação; inclusão; ludicidade.

Abstract: This article refers to the need of reviewing the educational process, make it easker the equality for everybody. Because to educate, to include and to play are associated activities, we looked for to analyze through the history of the education, beginning of the primitive to the current explanation for the political paper of the education in the inclusive society. To think ouer education concept is a form of could live it, because we know that to educate it is a complicated task and, that it should be an integrated action. The education should be for everybody, independent of the limitations and particularities, and it is under this aspect that the inclusive education should happen. But so that that happens it is necessary to change the paradigms and to reorganize the educational system enable to bearer of special needs the cognitive, cultural and social development. Thus, school and society should be articulated to facilitate that development of happening. One of the proposals to work with carriers of special needs and to promote not only the development, but also to the learning it is the use of the lúdico in class room. Thus, as the education it make it easker the social inclusion, the ludicidade it facilitates to the learning, all this without prejudices and without the broken into fragments vision of the capitalist system.

Keyword: education; inclusion; ludicidade.

¹ Pedagoga e Pós-graduanda em Linguagem: pesquisa e ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Introdução

É papel da sociedade como um todo e de todos nós educadores, pensarmos sobre o processo educativo voltado para a educação popular, refletindo quem são os sujeitos excluídos do acesso à educação, aos bens culturais e a um espaço social, como esse processo se efetiva e quais as alternativas para reverter o quadro em nosso país. Estima-se que educar, incluir e reservar lugares para que a ludicidade ocorra são pontos a serem refletidos neste artigo. Por isso, o objetivo deste é analisar cada um desses pontos ao longo da história.

Análise da Educação, Inclusão e Ludicidade

Luzuriaga (1990), diz que existe educação desde que há homens sobre a Terra; e hoje se calcula que a vida deles começou a uns 3000 séculos. A educação dos povos dessa época, chamada de educação primitiva, era essencialmente uma educação natural, espontânea, inconsciente, adquirida na convivência de pais e filhos adultos e menores. Essa era baseada na imitação e nos procedimentos para a criação dos filhos, onde estes tinham uma liberdade grande que raiava a indisciplina. Assim, as crianças aprendiam “para a vida e por meio da vida”, sem que alguém estivesse especialmente destinado à tarefa de ensinar (ARANHA, 1996).

Nas sociedades orientais, a educação era para poucos. O conhecimento da escrita era bastante restrito, isso pelo seu caráter sagrado. Nessa época havia um dualismo escolar que consistia na diferença de ensinamentos para os povos e para os nobres. Na Grécia Clássica – Berço da Pedagogia – a educação era centrada na educação integral (corpo e espírito). No início, antes da escrita, a educação era ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa. Após o surgimento da escrita, começaram a aparecer as primeiras escolas. Já a educação romana teve três fases: a latina original, depois, a influenciada pelo helenismo; por fim, a da fusão entre a cultura romana e a helenística. Na Idade Média, a educação se fundia na concepção do homem como criatura divina, que deve cuidar primeiro da salvação da alma, onde predomina a visão teocêntrica, a de Deus como fundamento de toda a ação pedagógica. Ainda nessa época, a educação não era para todos, pois todo conhecimento estava contido nos livros e só tinha acesso aos livros os nobres. O conhecimento era para alguns (ARANHA, 1996).

Com o renascimento educar torna-se uma exigência pela própria concepção do homem da época. A ideia da escola não era só transmitir conhecimentos, mas também promover a formação moral do indivíduo. No Brasil, nessa época, teve início a catequese feita pelos Jesuítas, onde a atividade missionária era comum e a educação assumiu o papel de agente colonizador.

Na Idade Moderna, as escolas ainda adotavam um ensino conservador, sob o poder dos Jesuítas. Com o iluminismo, passaram a haver muitas reflexões pedagógicas, mas sem grandes mudanças. E, no Brasil a maioria da população continuava analfabeta. Foi no século XIX que a educação deu um salto, sofrendo mudanças. Essa passou a priorizar as relações com o bem-estar social, estabilidade, progresso e capacidade de transformação. Aqui, no Brasil a atuação continuava fragmentária e sem resultados satisfatórios, ficando a educação superior sob a responsabilidade da coroa e a educação elementar e secundária confinada às províncias.

A Pedagogia do século XX era bastante voltada para a democracia. A educação do terceiro milênio voltou-se para os avanços tecnológicos, que vem provocando modificações no trabalho e na educação até os dias de hoje.

Neste percurso histórico, observamos que em cada época, a instrução é, e sempre foi um fato político (Manacorda, 1996). Assim, não há uma educação única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde as coisas acontecem e talvez nem seja o melhor. O ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o único praticante. Portanto, a participação da família e da sociedade é essencial, e sabemos que não há sociedade sem política nem muito menos educação. Como diz Gadotti (1992, p.157):

A educação tem um *papel político* fundamental. Quero dizer com isso que ela deve desempenhar um papel eminentemente democrático, ser um lugar de encontro, de permanente troca de experiências. E isso não se faz sem certa preocupação com uma transparência, sem uma maneira de ser, sem uma ética de valores. Um mundo que não é compartilhado, não pode servir de mediação para o ato educativo. Estar no mundo significa participar cotidianamente de um mundo comum.

Aranha (1998, p. 151) diz que “a educação não pode ser compreendida fora da história, mas apenas no contexto onde os homens estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência”. Assim, não é viável analisar a educação dissociada da história, pois esta não é neutra e se encontra ligada ao espaço de poder, e é comprometida com a economia e a política.

Kneller (1972) faz uma observação interessante sobre a do significado da educação para a vida humana, demonstrando que de alguma forma teremos que considerar filosoficamente a educação. Ainda complementa dizendo que:

Para educarmos os homens de um modo sensato e esclarecido, convém saber no que queremos que eles se tornem quando os educamos. E para sabê-lo é necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, investigar qual pode ser a finalidade da vida e o que ele deve ser. Portanto, devemos também inquirir sobre a natureza do mundo e os limites que este fixa para o que o homem pode saber e fazer. A natureza humana, a boa vida, e o lugar do homem no esquema das coisas estão entre os tópicos perenes da filosofia (p. 11).

Assim, as formas de educar e os fins da educação mudaram com o tempo de acordo com as exigências da sociedade. Então, acreditamos ser necessária uma reflexão sistemática e profunda do que seja a educação, isto é, sobre o conceito de educação, para assim podermos vivê-la.

Educar é uma tarefa que exige coletividade e por isso torna-se complicada. A principal função da educação refere-se na transformação do mundo e das pessoas que vivem no mundo. Reconhecemos, dentro dessa missão o grande desafio que a educação deve superar na prática, pois sabemos que a mesma educação que educa pode deseducar. Diante desse contraste, educar torna-se uma tarefa árdua e complexa. Dessa forma, é necessário promover uma educação que se desenvolva ao longo dos anos de forma que possa possibilitar a construção de conhecimento. Não esquecendo que é a escola é mediadora desse conhecimento e que por isso a

mudança deve, também, acontecer dentro do educador. Como diz Marx (apud GADOTTI, 1992, p. 31): “o educador tem necessidade de ser educado”.

É interessante salientar que a relação do educador com ele mesmo e com o educando é muito importante e sofre mudanças ao longo do tempo. As desigualdades entre esses atores do processo educacional foram diminuindo a medida que a ação do agente da educação foi tornando-se eficaz. Assim, “o bom educador é, portanto, aquele que vai morrendo durante o processo (...)” (ARANHA, 1998, p. 51).

A educação deve ser integrada, essencialmente, pois “a educação é também um *processo de conhecimento do mundo* porque, exatamente, é partilha do mundo” (GADOTTI, 1992, p. 157). É necessário pensar que quem educa, educa todos. Dessa forma, é preciso reconhecer, questionar e quebrar preconceitos, estimulando a generosidade, o acolhimento e o respeito, assim, aprenderemos a tratar da questão da diversidade sob todos os aspectos, ou seja, é necessário mudar o paradigma.

Assim, acreditamos que todas as pessoas devem ser respeitadas independente do sexo, idade, da etnia, da opção sexual ou das deficiências. Atualmente, vivemos uma mudança de paradigma que reflete também na escola. O contexto escolar está cada vez mais diversificado e o paradigma que está surgindo refere-se diretamente a educação especial.

Este nosso paradigma tem em vista atender as crianças que apresentam deficiências. Assim, segundo Bueno (1997, p. 38) a educação especial atende a dois interesses contraditórios: “o de oferecer escolaridade a crianças anormais, ao mesmo tempo em que serve de instrumento básico para a segregação do indivíduo deficiente”.

A Lei 9394 (BRASIL, 1996) diz que “entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (Artigo 58). Fica claro que em torno de toda essa discussão está estabelecido em lei que esses portadores de necessidades especiais podem e devem estudar em escolas regulares.

Historicamente, a educação inclusiva originou-se no Canadá por volta dos anos 80. Mas foi somente após 50 anos que o direito de toda a pessoa à educação foi preconizado legalmente pela Declaração Mundial dos Direitos Humanos. No Brasil, a educação especial foi instituída no período Colonial em 1600, em São Paulo, em instituições privadas que atendia deficientes físicos. A educação especial iniciou-se mesmo aqui no Brasil no século XIX e a inclusão chegou por aqui no início da década de 90 (ROSSETTO, 2004).

Embora o termo inclusão ainda “soe” estranho para algumas pessoas, entendemos que ele é necessário para podermos inserir na nossa sociedade a reflexão sobre a igualdade de direitos, onde todos têm igualdade de valor. Assim, entendemos ser fundamental a inclusão escolar para a construção de uma escola democrática para todos.

Assim, para que este novo paradigma permaneça é necessário que as pessoas se conscientizem de que a sociedade é de todos, formada para todos e, portanto, deve ser igual para todos. A escola e a sociedade devem entender a educação como fato social, político e cultural. A educação que se volta para a proposta da inclusão objetiva resgatar valores sociais voltados com a igualdade de direitos e de oportunidades para todos (ROSSETTO, 2004). Para tanto, a escola deve criar condições para que a inclusão aconteça realmente para todos. Uma das

propostas de se trabalhar com alunos portadores de deficiência é promoção da aprendizagem através do lúdico.

Lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar. Os jogos, brinquedos e divertimentos e compõe esse brincar e é relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte. Mas reconhece-se que o brincar oportuniza a aprendizagem do indivíduo. Neste aspecto brincar dá idéia de prazer (ROJAS, 2005).

A aprendizagem pode acontecer a partir da ludicidade. Nesse sentido, entendemos o brincar como uma atividade lúdica. Ao brincar o indivíduo cria um novo mundo, transforma o seu mundo e si transforma. Num sentido figurado, a intenção do lúdico é transportar o indivíduo para um outro mundo onde ele seja capaz de aprender e trazê-lo de volta para o seu mundo carregando esta aprendizagem adquirida.

A criatividade da criança é desenvolvida a partir da liberdade que ela tem para brincar e aprender. Nunca é tarde para brincar e não há limitações para isso. Brincar é uma atividade essencial para a promoção de saúde física e psíquica. Além de ser coisa séria.

Nesta perspectiva, o auxílio lúdico pode ajudar a criança portadora de deficiência a se desenvolver melhor. Portanto, a escola deve voltar-se para essa proposta, pois a ludicidade é uma necessidade do ser humano independente da idade. A ludicidade contribui para a construção do conhecimento e a aprendizagem, além de colaborar para o desenvolvimento pessoal, cultural e social.

Considerações Finais

Com certeza a educação, a inclusão e a ludicidade estão associadas. A ludicidade é a alavanca da educação para o terceiro milênio, e a educação é a base que a inclusão social aconteça. A pretensão desse trio é contribuir para a reflexão, analisando algumas práticas nas quais o elemento principal é concebido como fio condutor do resgate da sensibilidade do homem, sufocada pelas relações desumanizantes do sistema capitalista.

Diante de tudo que foi exposto aqui, percebemos que educar, incluir e brincar são coisas sérias e interligadas. O que tem faltado, muitas vezes, na sociedade, nas famílias e nas escolas é a junção desses três elementos no processo de vivência, para que o resultado seja externalizado. É somente quando esse resultado vir à tona, que, coletivamente, os paradigmas tradicionais, de preconceitos, serão substituídos por modelos renovadores, capazes de aceitar o outro independente da diferença.

Referências

ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1998.

BRASIL, **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BUENO, J. G. S. Práticas Institucionais e Exclusão Social da Pessoas Deficiente. In: **Conselho de Psicologia. Educação Especial em Debate**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. (p.37-45)

GADOTTI, M. A **Educação contra a Educação**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KNELLER, G. F. **Introdução à Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LUZURIAGA, L. **História da Educação e da Pedagogia**. 18 ed. São Paulo: Nacional, 1990.

MANACORDA, M. A., **História da Educação: da antigüidade aos nossos dias**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

ROJAS, J. O lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma pedagógica do afeto e da criatividade na escola. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/excedentes25/jucimararojast07.rtf. Acessado em 13/04/2005.

ROSSETTO, E. **Processo de inclusão: um grande desafio para o século XXI**. RECE - Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo Pr., v. 01, n. 03, 2004.